

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal¹

Resumo: Se a expressão “niilismo russo” remete a uma ideia ampla e profundamente arraigada no contexto histórico e cultural em que surge, ao ser apropriada por Nietzsche, ela apresenta alguns traços bem peculiares, constituindo-se numa das principais fontes utilizadas pelo filósofo para matizar certas nuances de sua própria acepção de niilismo. Este artigo, circunscrito à apropriação feita por Nietzsche de algumas ideias de Ivan Turguêniev e Fiódor Dostoiévski, busca precisar justamente os momentos em que o conceito aparece nos escritos de Nietzsche e os papéis que exerce neles, conferindo uma atenção especial para uma forma ambivalente de niilismo que o filósofo chama de “niilismo segundo o modelo de São Petersburgo”.

Palavras-chave: Niilismo. Niilismo russo. Ivan Turguêniev. Fiódor Dostoiévski. Friedrich Nietzsche.

NIHILISM AFTER THE ST. PETERSBURG MODEL

Abstract: If the expression “Russian nihilism” refers to a broad and deeply rooted idea in the historical and cultural context in which it appears, when appropriated by Nietzsche, it presents some very peculiar traits, constituting one of the main sources used by the philosopher to shade certain nuances of its own sense of nihilism. This article, limited to Nietzsche's appropriation of some ideas by Ivan Turgenev and Fyodor Dostoevsky, seeks to specify precisely the moments in which the concept appears in Nietzsche's writings and the roles it plays in them, giving special attention to an ambivalent form of nihilism. that the philosopher calls “nihilism after the Saint Petersburg model”.

Keywords: Nihilism. Russian nihilism. Ivan Turgenev. Fyodor Dostoevsky. Friedrich Nietzsche.

126

Nota introdutória

Antes de iniciar qualquer empreendimento com o propósito de definir aquilo que poderia corresponder à expressão “niilismo russo”, é imprescindível ter no horizonte que esse empreendimento apresentaria uma grande chance de fracasso. Isso porque tal expressão remete a uma ideia ampla, multifacetada e profundamente arraigada no contexto histórico e cultural em que surge. O que leva Paul Bourget, em seu estudo sobre Turguêniev, a afirmar que qualquer tentativa de tratar do niilismo russo, feita a partir do estrangeiro, sem o acesso aos debates dos historiadores locais sobre o tema e sem o suporte da língua na qual esse debate ocorre, corresponderia a um empreendimento praticamente impossível de ser levado a termo (BOURGET, 1993, p. 352). Dessa forma, torna-se imprescindível deixar claro que o horizonte de investigação do presente estudo diz respeito especificamente à atenção dirigida ao niilismo russo pelo filósofo alemão

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisador do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0843-4204>. Email: antonio.paschoal@yahoo.com.br

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

Friedrich Nietzsche e registrada em alguns de seus escritos, bem como ao modo como essa ideia reverbera no seu pensamento. O que faz desta investigação um estudo de fontes, cujo propósito é reunir materiais para o delineamento de uma genealogia de uma das facetas do termo “niilismo” no pensamento de Nietzsche, no qual o conceito se mostra, conforme tem sido visto,² multifacetado e polissêmico.

Primeiras menções de Nietzsche ao “niilismo russo” – Ivan Turguêniev

O niilismo que Nietzsche observa na atmosfera de São Petersburgo oferece e ele, ao certo, uma perspectiva diferente daquela encontrada no interior da filosofia clássica alemã, na qual o niilismo ganhara contornos bem demarcados a partir do debate entre Jacobi e Fichte e que remeteria a uma espécie de esvaziamento do papel conferido pela tradição à figura de Deus e, por conseguinte, a uma crise de valores.³ Na perspectiva aberta pela literatura russa, a despeito dos possíveis contatos dela com a filosofia e com a cultura ocidental,⁴ o tema do niilismo assume contornos diferentes. Ali a depreciação dos valores supremos e o modo como isso estaria associado com a morte de Deus não se desdobraria tanto num debate teórico sobre *niilismo*, mas em especial em figuras apresentadas como *niilistas*. Ao menos se for colocado em relevo a literatura russa e em especial a parte dela conhecida por Nietzsche. O que remete, tendo novamente Nietzsche no horizonte, a uma acepção prática do niilismo que assumirá um importante papel nas suas considerações sobre o tema, em especial quando se refere ao que vai chamar de um “niilismo da ação” (AP 1888, 14[9]).⁵

127

² Conferir, a respeito, por exemplo: PASCHOAL, 2022.

³ Esse tronco a partir do qual o niilismo se desdobra até Nietzsche a partir dos debates do idealismo alemão, se expressa de forma privilegiada na carta de Friedrich Heinrich Jacobi a Johann Gottlieb Fichte, escrita entre 03 e 21 de março de 1799 (JACOBI, 1998). Vale observar, contudo, como lembra Clademir Araldi, que existe uma polêmica sobre a origem do termo “niilismo”, que teria ocorrido antes mesmo da carta de Jacobi a Fichte, com Daniel Jenisch, em 1796, no livro *Über Grund und Werth der Entdeckungen des Herrn Professor Kant in der Metaphisik, Moral und Ästhetik*. (ARALDI, 2004, p. 49, nota 11).

⁴ Sobre essa correlação, encontros e desencontros entre a literatura russa e a filosofia ocidental, tendo em vista o tema do niilismo, sugiro a leitura da tese de doutorado de Paulo Cesar Jakimiu Sabino, intitulada “Entre Nietzsche e Dostoiévski: modernidade e niilismo”, em especial o capítulo intitulado “Modernidade, progresso e razão no contexto de Dostoiévski” (SABINO, 2022, p. 9-65)

⁵ Faremos as citações das obras de Nietzsche utilizando siglas já convencionadas, a saber, AC para *O Anticristo*; ABM para *Além de Bem e Mal*; EH para *Ecce Homo*; CG para *A gaia ciência*; GM para *Genealogia da moral*; ZA para *Assim falou Zaratustra*. Após a sigla indicamos a parte numerada ou titulada do livro. Para as anotações pessoais do filósofo indicaremos o ano e o número da anotação. Esse procedimento permite encontrar a passagem citada nas diferentes edições das obras de Nietzsche. Propositadamente, faremos a referência às anotações de Nietzsche com a sigla AP (apontamento pessoal) e não como FP (fragmento póstumo), como se convencionou designar as anotações do filósofo

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

Adentrando, assim, nos escritos do filósofo, é reconhecido que a primeira ocorrência dessa ideia de um niilismo ou, mais especificamente, da figura correspondente aos niilistas russos, aparece no verão europeu de 1880,⁶ quando ele avalia alguns modos como se dão as mudanças nos costumes e faz uma comparação entre os efeitos produzidos pelos niilistas russos e os efeitos produzidos pelos funcionários russos sobre a moralidade. Nesse sentido, ele afirma que,

no geral, atualmente, responde-se à pergunta se os niilistas russos são mais imorais do que os oficiais russos, a favor dos niilistas. — Inúmeros costumes foram vítimas dos ataques de livres pensadores e livre ativistas: nosso modo vigente de pensar individual é resultado de evidentes crimes contra a moralidade. (AP 1880 4[108]).

Nessa passagem, ao afirmar que os niilistas russos seriam mais imoralistas do que os funcionários públicos russos, o filósofo coloca em relevo também o “papel dos crimes contra a moralidade” para se chegar a uma nova maneira de pensar. Um tópico que precisa ser visto com certa ressalva, pois o termo “crime” está circunstanciado aqui ao fato de que “quem ataca o que foi estabelecido como correto” num determinado momento será certamente “tomado como um ‘homem mau’”, como um criminoso, naquele cenário. Ao passo que tais homens teriam grande chance de serem avaliados positivamente em relatos futuros sobre aquelas mudanças. Assim, para Nietzsche, se aqueles *livres pensadores* e *livres ativistas* seriam “maus” do ponto de vista dos valores que atacam, eles apresentariam grande “valor, originalidade de espírito e independência” (AP 1880 4[108]), tendo em vista a capacidade deles de subverter os valores vigentes e de romper com feitiço estabelecido pelos costumes.

Ao certo, as figuras utilizadas por Nietzsche no apontamento, que permitem a ele conjecturar sobre os efeitos dos niilistas sobre a moral, tornavam-se conhecidas naquele momento, em função da forte recepção, no ambiente frequentado por Nietzsche, das obras da literatura russa intituladas *Pais e Filhos* e *Terra virgem*, de Ivan Turguêniev.

128

em seus cadernos. Isto porque o material citado não é, a rigor, composto de “fragmentos” de obras, mas de “apontamentos” pessoais. As obras de onde os textos são retirados é a *Kritische Studienausgabe*, KSA, que consta nas referências ao final do artigo. Por sua vez, as cartas de Nietzsche serão citadas indicando o destinatário e a data da missiva, que pode ser encontrada na *Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe* (KSB), que consta nas referências ao final do artigo. Nas passagens extraídas de obras, apontamentos e cartas, as traduções serão próprias. Quando ocorrer o uso de citações de passagens extraídas de obras traduzidas, o tradutor será mencionado na referência ao final do artigo.

⁶ Tendo em vista seu legado, disponível hoje em <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 12	n. 28	Janeiro – Abril 2023	p. 126 - 141
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

A primeira delas, a obra *Pais e Filhos*, que tornava-se clássica por descrever a ação contra a moral e os costumes como uma ação niilista, foi publicada originalmente em 1862 na Rússia, e traduzida no ano seguinte para o francês, com o aval do autor, e para o alemão, pela primeira vez em 1869. Por sua vez, *Terra virgem*, na qual o niilismo também aparece, embora não faça parte do enredo central, foi escrita entre 1870 e 1876 e publicada na forma de livro no ano de 1877, tanto na Rússia quanto na Alemanha, onde obteve um grande sucesso e foi muito comentada nos círculos frequentados por Nietzsche e por amigos do filósofo como é o caso de Paul Rée, Malwida von Meysenburg e Franz Overbeck, que recomendam a ele a leitura do livro em 1879.⁷

Assim, embora não exista uma fonte direta que comprove que Nietzsche tenha lido uma ou outra obra de Turguêniev nesse período, tais registros do conhecimento dessas obras no cenário frequentado por ele, permitem afirmar que já nesse momento, em 1880, o filósofo conhecia o escritor russo e também considerar a hipótese de que no apontamento 4[108], de 1880, ele faz uma referência direta ao romancista russo. Essa hipótese é sustentada por intérpretes clássicos do niilismo, como é o caso de Elisabeth Kuhn⁸, que chama a atenção também para o fato de que o termo “niilismo russo” aparece, nesse período, em diversos ensaios publicados na França, provavelmente conhecidos por Nietzsche (KUHN, 1992, p. 21). Nesse sentido, é preciso considerar também o fato de o escritor Prosper Mérimée – cuja obra é acompanhada por Nietzsche – ter publicado trabalhos sobre os romances de Turguêniev, em especial em “*Lettres à une inconnue*”, entre 1876 e 1877, comentando o livro *Terra nova* (KUHN, 1992, p. 23; 31 e 37). O que permite acrescentar àquela hipótese inicial de um conhecimento de Turguêniev por Nietzsche, também a possibilidade ele ter lido a edição francesa do livro de Turguêniev, *Pais e filhos*, de 1873, que apresenta, à guisa de prefácio, uma carta de Mérimée.⁹

Tal hipótese, da familiaridade de Nietzsche com o escritor russo nesse período é importante também para dimensionar a relevância dos contatos futuros do filósofo com a

⁷ Conferir: KUHN, 1992, p. 28-29 e 35-37.

⁸ Também nesse sentido, Wolfgang Müller-Lauter, tendo em vista as indicações de fontes de Montinari, afirma: “não se pode deduzir delas □ daquelas fontes□ que Nietzsche leu os romances de Turguêniev, *Pais e filhos* (de 1862) e *Neuland* (ou *Terra virgem*, de 1876), nos quais o autor emprega o conceito de niilismo. O que considero, porém, muito provável”. (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 123, nota 3). Uma posição reiterada por Henning Ottmann, que ressalta a importância de Turguêniev para o conceito de niilismo desenvolvido por Nietzsche (OTTMANN, 2011, p. 293).

⁹ A edição em questão é: TOURGUENIEV, Ivan. *Pères et enfants*. Traduction d’Ivan Tourgueniev et Louis Viardot. Paris: Charpentier, 1863. A carta de Mérimée ao editor M. Charpentier, encontra-se nas páginas 4 a 6 do livro. Disponível em: <https://bibliotheque-russe-et-slave.com/Livres/Tourgueniev%20-%20Peres%20et%20enfants.pdf>. Acessado em setembro de 2022.

literatura russa. Contatos que não teriam o papel de introduzir o conceito de niilismo russo no receituário do filósofo, mas de dialogar com ele ou de ampliar um conhecimento que o filósofo já possuía dele. O que se verifica, por exemplo, com a obra de Paul Bourget, *Essais de psychologie contemporaine*, publica da a partir de 1883 e que foi lida por Nietzsche a partir de 1885, e posteriormente, com os romances de Dostoiévski.

Sobre o livro de Bourget, cabe observar que ele foi publicado num primeiro momento em dois volumes, reunindo uma série de artigos que apareceram inicialmente sob a insígnia “*Psychologie contemporaine – Notes et portraits*”, entre 15 de dezembro de 1881 e 1º de outubro de 1885. O primeiro volume dos *Essais*, que é de 1883,¹⁰ reúne os cinco textos iniciais daquelas “notas e retratos”, a saber, os ensaios sobre Baudelaire, Renan, Flaubert, Taine e Stendhal. O texto sobre Turguêniev aparece apenas no segundo volume, que veio a público, no final de 1885,¹¹ com o título *Nouveaux Essais de psychologie contemporaine*, com os últimos cinco textos, a saber, os ensaios sobre Dumas Filho, Leconte de Lisle, os irmãos Goncourt, Turguêniev e Amiel.

Sobre o contato de Nietzsche com a obra de Bourget, ao certo ele ocorre já em 1883, tendo em vista a primeira menção que faz ao pensador francês em suas anotações naquele ano (AP 1883, 24[6]).¹² Essa menção, contudo, não diz respeito ao material produzido por Bourget sobre Turguêniev, que só vem a público dois anos mais tarde, no mesmo ano em que Nietzsche anuncia, em junho de 1885, a leitura do conteúdo preparatório do segundo volume dos *Ensaaios* de Paul Bourget. Um trabalho editorial que ele acompanha atentamente, como se pode observar em sua correspondência,¹³ na qual fica claro ainda que seu interesse não está voltado exclusivamente para Turguêniev, mas também para outros escritores analisados na obra.¹⁴

Contudo, se o interesse de Nietzsche pela obra de Paul Bourget ultrapassa o papel dela em relação a Turguêniev, isso não significa que ele não tenha o escritor russo no seu

¹⁰ Paris, Alphonse Lemerre, Éditeur, 1883.

¹¹ Paris, Alphonse Lemerre, Éditeur, 1886.

¹² Nietzsche possuía em sua biblioteca uma cópia desse livro de Bourget, com vários sinais de leitura (Cf. CAMPIONI *et al*, 2002, p. 149).

¹³ Conferir, por exemplo, a Carta de Nietzsche a Resa von Schirnhofen de junho de 1885.

¹⁴ Como se observa, por exemplo, pela alusão que faz em 1885 aos *Ensaaios* de Bourget, dando atenção especial para Stendhal e descrevendo Paul Bourget como “o discípulo mais vivo de Stendhal” (Carta a Resa von Schirnhofen de 11 de março de 1885). O que é mais um indicativo de que a importância para Nietzsche de Paul Bourget – cujo nome aparece mais de 11 vezes em suas cartas e apontamentos – ultrapassa o papel exercido por seu texto sobre Turguêniev, sendo que o pensador francês contribui também para o delineamento de outros conceitos, como é o caso da ideia de *décadence*, que é igualmente importante no âmbito das análises de Nietzsche sobre o niilismo.

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

campo de interesse. De fato, uma investigação sobre a atenção conferida por Nietzsche à obra de Turguêniev deve considerar o liame complexo que envolve, além das possibilidades de um contato direto e indireto com a obra do romancista, também o trato do filósofo com círculos frequentados pelo escritor no período. O que pode ser verificado, por exemplo, em duas cartas dirigidas por ele a Heinrich Köselitz.¹⁵ Na primeira, do final de 1887, faz referência, mencionando o “*Journal des Goncourt. Mémoires de la vie littéraire*”,¹⁶ à presença de Turguêniev em jantares com Magny – nos quais teriam sido registradas, como ele afirma, a presença de certos “espíritos parisienses” como “Sainte-Beuve, Flaubert, Th<éphile> Gautier, Taine, Rénan, les Goncourts, Schérer, Gavarni e, em algumas ocasiões, Turgenev, etc.”. Nessa mesma carta, ele evidencia sua familiaridade com tais figuras, caracterizando-as, em conjunto, por apresentarem um “pessimismo exasperado, cinismo, niilismo, com muita despreocupação e bom humor de vez em quando”, acrescentando que conhece “de cor esses cavalheiros” (Carta a Heinrich Köselitz de 10 de novembro de 1887). Na segunda carta, do início de 1888, Nietzsche menciona a chegada em suas mãos de uma obra de Brandes¹⁷ que aborda, entre outros nomes, Turguêniev (Carta a Heinrich Köselitz de 15 de janeiro de 1888). Tais alusões, que evidenciam a proximidade entre o escritor russo e os círculos culturais franceses, indicam o quanto Turguêniev estaria no foco das atenções de Nietzsche e atestam o seu interesse pelo autor da obra *Pais e Filhos*, numa época em que elabora suas anotações sobre o niilismo, conferindo uma grande importância à acepção de niilismo russo nesse contexto.

131

O niilismo militante de Eugênio Vassílievitch Bazárov

O livro *Pais e Filhos*, como o título sugere, expressa um conflito de gerações russas. Mais precisamente, o conflito entre as gerações de 1840 e a de 1860. A primeira geração, retratada com traços aristocráticos e postura conservadora em relação aos valores tradicionais, tem como representantes no livro os irmãos Nicolau e Páviel Pietróvitch. A segunda, caracterizada pela rejeição aos valores tradicionais e, em alguns casos, até

¹⁵ Não se pode perder de vista também, nesse sentido, a proximidade de Nietzsche em anos anteriores com Lou Salomé, a intelectual russa de São Petersburgo, que ao certo teria comentado com Nietzsche sobre escritores como Turguêniev e Dostoiévski. O que, contudo, não pode ser dimensionado num estudo de fontes.

¹⁶ Trata-se em especial do Deuxième volume, 1862-1865, Paris, 1887, que Nietzsche possui em sua biblioteca com marcas de leitura.

¹⁷ BRANDES, Georg. *Moderne Geister. Literarische Bildnisse aus dem 19. Jahrhundert*. Zweite, neu durchgesehene und vermehrte Auflage. Frankfurt a. M., 1887.

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

mesmo aos valores próprios da ciência moderna,¹⁸ é representada no livro em especial pela figura do estudante de medicina Eugênio Vassílievitch Bazárov. No âmbito daquele conflito, os jovens da segunda geração são designados por meio do termo “niilistas”, em função justamente de suas ações que decorrem do modo como depreciam os valores considerados, pelo primeiro grupo, como os mais sagrados da cultura russa.

O termo “niilista”, introduzido na literatura russa por Turguêniev – que recebe críticas por esse uso tanto por parte dos chamados niilistas quanto de seus opositores – não foi cunhado por ele, tratando-se antes de uma expressão recorrente na sociedade russa da época e utilizada para designar os chamados jovens revolucionários da referida década de 60. Tais jovens corresponderiam a uma ala dentro do ocidentalismo, verificado na Rússia nesse período, que se contrapõe aos valores da cultura tradicional russa, defendida pelos eslavófilos.¹⁹ Essa ala, ao certo, não poderia ser confundida com os partidários das ideias liberais que se apoiavam igualmente em teses vindas da cultura ocidental, contudo, não poderia também ser ligada a uma tese política específica, remetendo antes, em muitos casos, apenas a uma parte da juventude russa que após períodos de estudos no exterior, notadamente na Alemanha e na França, mostravam uma desilusão em relação à “obscuridade social que encontram no seu retorno à terra natal” (BOURGET, 1993, p. 355). Um grupo, portanto, heterogêneo, dentro do qual se poderia incluir o próprio Turguêniev, que Bourget apresenta como um autor cosmopolita justamente pelos traços que absorve da cultura ocidental (BOURGET, 1993, p. 354).

No livro *Pais e filhos*, a figura do “niilista” Bazárov é tracejada no diálogo entre Páviel Pietróvitch e seu sobrinho Arcádio. O primeiro, como aludido, um típico representante dos valores da década de 40, e o segundo, um estudante que se poderia dizer “ingênuo” (BOURGET, 1993, p. 362) e descrito, até certo ponto, como um admirador de Bazárov, o personagem principal, que aparece no texto de uma forma um tanto caricaturada, como aquele que não reconhece nenhum princípio ou autoridade. Eis o diálogo:

(...) Muito bem! – Páviel Pietróvitch cofiou os bigodes. – Este mesmo Senhor Bazárov quem é, em suma? – indagou pausadamente.

¹⁸ Bazárov, respondendo a Páviel Pietróvitch, sobre a ciência afirma: “– já lhe disse que não acredito em coisa alguma. A ciência? Que é a ciência em geral? Existem ciências como existem artes e profissões. A ciência de um modo geral não existe” (TURGUÊNIEV, 1981, p. 32).

¹⁹ Conferir a respeito, Turguêniev, 1981, p. 82 e também o trabalho de Paulo Cesar Jikimiu Sabino, em especial o capítulo intitulado “Eslavofilia x Ocidentalismo: Crítica à razão e apologia da razão” (SABINO, 2022, p. 24-34).

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

- Quem é Bazárov? – perguntou sorrindo Arcádio. – Quer, meu tio, que lhe diga quem é de fato?
- Faça-me o favor, meu caro sobrinho.
- Ele é niilista.
- Como? – Perguntou Nicolau Pietróvitch, enquanto Páviel Pietróvitch erguia a faca com um pouco de manteiga na ponta.
- Ele é niilista – repetiu Arcádio.
- Niilista, disse Nicolau Pietróvitch – vem do latim *nihil*, e significa ‘nada’, segundo eu sei. Quer dizer que essa palavra se refere ao homem que ... em nada crê ou nada reconhece?
- Pode dizer: o homem que nada respeita – explicou Páviel Pietróvitch, voltando novamente sua atenção para a manteiga.
- Aquele que tudo examina do ponto de vista crítico – sugeriu Arcádio.
- Não é a mesma coisa? perguntou Páviel Pietróvitch.
- Não, não é o mesmo. O niilista é o homem que não se curva perante nenhuma autoridade e que não admite como artigo de fé nenhum princípio, por maior respeito que mereça... (TURGUÊNIEV, 1981, p. 27-28).

Ao certo, o personagem Bazárov traduziria a reação apontada por Nietzsche como uma “recusa radical de valor, sentido, e desejo (desejabilidade)” (AP de 1886 2[127]), que decorreria de uma “desvalorização dos valores vigentes até aqui” (AP de 1885-1886, 2 [131]). Uma forma de expressão para o que o filósofo aponta como o “caráter de nosso niilismo atual” (AP de 1887, 5[71, 5]), entendido como um niilismo da desconfiança frente à constatação de que os “valores mais elevados se desvalorizam” (AP de 1887, 9[35]).

Mais ainda, como um caso exemplar para a ideia de “livres pensadores e livres ativistas” (AP de 1880 4[108]), Bazárov traduz tanto uma reação frente àquela desvalorização dos valores mais elevados quanto a tentativa de acelerar aquela desvalorização e aprofundar a crise instalada. Desse modo, o personagem reiteraria a ideia do ataque contra a moralidade – o que de fato preocupa os irmãos Pietróvitch – e pode ser tomado como uma expressão para a ideia de Nietzsche de um niilismo da destruição. De um niilismo “militante” (STELINO, 2015, p. 91), nesse sentido.²⁰

Essa ideia de um niilismo prático, que precisaria ao certo considerar as atitudes de Bazárov e não apenas as suas falas, ganha contornos ainda mais claros na passagem em que Arcádio conversa novamente com Páviel Pietróvitch sobre o tema do niilismo, num diálogo em que o próprio Bazárov se faz presente e no qual é acrescentada a prática da destruição como a atitude dos niilistas. Segue o diálogo:

²⁰ Nos apontamentos feitos sobre o livro *Os demônios*, de Dostoiévski, em 1888, Nietzsche irá grifar essa ideia de um niilismo da destruição: “pregaremos a destruição” (AP de 1887-1888, 11□341□).

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

- E somente ofender a tudo e a todos? – continuou o aristocrata [Páviel Pietróvitch].
- Ofender também.
- É o niilismo?
- É o niilismo – replicou Bazárov com ar de desafio.
- Páviel Pietróvitch fechou de leve seus olhos.
- (...)
- Como? Os senhores agem? Pretendem agir?
- Bazárov nada respondeu; Páviel Pietróvitch teve um estremecimento e logo reconquistou o domínio de si mesmo.
- Sim... agir, destruir – continuou. – Destroem sem saber para quê?
- Destruímos, porque somos uma força – explicou Arcádio.
- Páviel Pietróvitch olhou para seu sobrinho e sorriu.
- Somos uma força que age livremente – insistiu Arcádio com veemência” (TURGUÊNIEV, 1981, p. 62-63)

Como pode ser observado, essa passagem é ilustrativa em relação àquele deslocamento da negação dos valores – da ideia de que “tudo no mundo não tem valor!” – para a ofensa às “crenças sagradas” e para a destruição como o modo de agir dos niilistas que, segundo Bazárov, seriam muitos (TURGUÊNIEV, 1981, p. 64) e que, de resto, não reconheceriam “autoridade alguma” (TURGUÊNIEV, 1981, p. 75). O que constitui, novamente, uma linguagem ou inspiração para um traço do niilismo descrito por Nietzsche num apontamento de 1887 como um “prazer na destruição” (AP de 1887, 5[71, 14]).

Uma ideia que aparece também na obra publicada do filósofo, em especial quando ele traça o niilismo com contornos de uma “dinamite do espírito”, de um “pessimismo de *bonae voluntatis* [de boa vontade], que não apenas diz Não, quer Não, mas – horrível pensamento! – *faz o não*” (ABM 208). Num contexto em que Nietzsche cunha o termo “niilina” (*Nihilin*), um neologismo que permite a ele tomar o niilismo por seus efeitos como uma substância química que poderia ser danosa para o corpo, o corpo social, no caso, mas também um estimulante. Em todo caso, uma substância que não seria considerada apenas por seus efeitos nocivos, por contribuir para a derrocada do cristianismo e seus valores, mas também pelo que se poderia abrir a partir dessa derrocada. Nesse sentido, a expressão de um “niilismo da ação” (AP 1888 14[9]) poderia designar uma prática possível para aqueles que tomariam o niilismo presente como um fato e se engajariam pelas possibilidades que se abririam partir dele, no futuro.

Contribuições de Fiódor Dostoiévski

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

Como é notório,²¹ as menções de Nietzsche às obras de Dostoiévski ocorrem apenas a partir de 1887 e dizem respeito a um espectro de temas mais amplo do que as referências feitas a Turguêniev. Um espectro, contudo, que não poderá ser revisitado neste momento em que a atenção deve se concentra nas alusões ao niilismo. Nesse sentido, a primeira referência que chama a atenção é aquela que reporta a um “pessimismo russo”, que ganharia contornos com o romancista em função de sua “arte da ‘descrição’” (AP de 1887, 9[126]), do modo como esculpe personagens extremamente expressivos. Nesse ponto, é importante observar que Dostoiévski é tomado por Nietzsche de forma muito peculiar como um psicólogo, cuja “análise aguda” não teria igual mesmo entre os franceses modernos, (Carta a Emily Fynn de 4 de março de 1887) os quais seriam, antes, tiranizados “pela influência e ciúmes de Dostoyevsky” (por exemplo, Paul Bourget)” (Carta a Heinrich Köselitz de 7 de março de 1887). A princípio, portanto, é como um psicólogo, capaz de expressar o valor de um homem “com a mais elevada fineza e microscopia psicológica de uma forma como nunca foi feito anteriormente” (Carta a Franz Overbeck de 13 de maio de 1887), que Dostoiévski se torna interessante para Nietzsche.

Nesses termos, Dostoiévski pode ser incluído entre os autores considerados por Nietzsche não tanto por formularem uma teoria geral do niilismo, mas pelos personagens, criminosos que descreve com traços psicológicos muito peculiares. Personagens que expressariam, nas palavras do filósofo, “a parte mais forte e valiosa do povo russo”, na medida em que eles apresentariam um tipo de virtude muito peculiar, a “virtude no estilo renascentista, com certeza, *virtù*, virtude livre de moralina” (AP de 1887,10[50]).²² A virtude de personagens avaliados por seus efeitos e não por alguma moral e muito menos pela moral dos valores arruinados por eles.

Ao certo, a obra de Dostoiévski que mais chama a atenção para o debate sobre o tema do niilismo e que é mais referenciada por Nietzsche é o livro de 1872 do romancista intitulado *Os Demônios*. Contudo, essa não é a única obra de Dostoiévski em que o tema

²¹ Conferir, sobre os detalhes da relação de Nietzsche com a obra de Dostoiévski: PASCHOAL, 2010.

²² Como se tem com o termo “niilina”, em que o termo niilismo é associado a um produto químico nocivo ao corpo, também a moral poderia ser traduzida pelo termo “moralina” pelos danos que pode causar aos organismos. Também em AC 2, Nietzsche refere-se à “*virtu*” da Renascença, como uma “virtude isenta de moralina”, assim como é isenta de *moralina* a proposição de Nietzsche sobre a deterioração do homem, que considera o problema a partir de uma perspectiva fisiológica (AC 6). Mesma perspectiva adotada em *Ecce homo*, Por que sou tão inteligente, 1, quando a alimentação é associada ao máximo de força, “de *virtu* no sentido da Renascença, de virtude livre de moralina”. A virtude a partir do problema da alimentação não conteria o ingrediente tóxico da *moralina* (EH, II 1). Conferir, a respeito: STELLINO, 2015, p. 91, nota 111 e a nota de Paulo César de Souza em AC 2.

do niilismo aparece, direta ou indiretamente. Ele pode ser observado também na obra *Crime e Castigo*, de 1866,²³ e notadamente em *Os irmãos Karamazov*, de 1881, pela qual iniciaremos nossas observações.

Na obra clássica de Dostoiévski, de 1881,²⁴ o personagem que mais chama a atenção para uma análise sobre o tema do niilismo é o segundo filho de Fiódor Karamázov, Ivan Karamázov, que apresenta vários traços comuns aos jovens designados na época como niilistas, como é o caso de sua formação em um grande centro, Moscou, e o modo como suas ideias contrastam com as convicções típicas do povo do interior da Rússia. Diferentemente do pai, do velho Fiódor Karamázov que zomba de Deus e do velho Zósima, Ivan é um intelectual meticuloso que havia sustentado, em um artigo, a tese segundo a qual “não existe a imortalidade da alma, então não existe tampouco a virtude, logo, tudo é permitido”. (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 127) Uma tese que determina o enredo do livro, no qual Deus é assumido como a premissa maior para os valores morais e sua ausência corresponderia à queda dos valores e aos problemas derivados dela, no caso, um parricídio.

Sobre *Os irmãos Karamazov*, além da ressalva de que não se pode comprovar que tenha sido lida por Nietzsche,²⁵ é importante ter presente também que a figura do jovem revolucionário Ivan não é descrita sob a alcunha de *niilista*, mas de “socialista” ou, em alguns casos, de “anarquista”. Sobre esse aspecto, porém, é importante observar que naquele contexto, a alcunha “socialista” não diria respeito apenas à “questão dos operários ou do chamado quarto do Estado”, mas “predominantemente [à] questão do ateísmo, da encarnação atual do ateísmo” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 46), pois seriam justamente “os que não acreditam em Deus [que] vão falar de socialismo e anarquismo” e de outras ideias que teriam um efeito hipnotizador sobre os “rapazinhos russos” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 322). Numa acepção na qual “todos os socialistas-anarquistas, ateus e revolucionários” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 105) pertenceriam a um grupo *sui generis*, caracterizado por um “descomedimento moral” que se alinharia à ideia de que “tudo é permitido” e “nada deve ser proibido” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 902). O que aproxima o debate que se desenvolve nessa obra entre irmãos, entre Ivan e Alieksiêi Karamázov, daquele que Turguêniev apresentava entre representantes de duas gerações.

²³ Conferir a respeito: GALOUNIS, 2020.

²⁴ Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2008.

²⁵ CF.: PASCHOAL, 2010, p. 206.

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

Ainda em relação à tese de Ivan Karamázov, e aos resultados práticos que se desdobram dela, cabe observar que a frase “se Deus não existe, então, tudo é permitido” (GM III 24) aparece na *Genealogia da moral*,²⁶ de Nietzsche. Contudo, não como uma citação de Dostoiévski, mas de uma “invencível Ordem dos Assassinos” (GM III 24), ou mais especificamente, segundo Paulo César de Souza, de “Hassan I Sabbah, o primeiro grão-mestre da Ordem dos Assassinos, na Pérsia do século XI”.²⁷ O que assenta novamente no centro das atenções a figura do criminoso que coloca em risco os valores de uma cultura, no caso, da cultura ocidental ameaçada pelos persas.

A obra *Os demônios*,²⁸ por sua vez, constitui uma referência direta de Nietzsche quando faz alusão ao niilismo russo e em especial quando essa alusão diz respeito a Dostoiévski. Nessa obra, de 1872, o romancista lança mão de alguns personagens nomeadamente niilistas que contribuem diretamente para aquela ideia de um *niilismo da ação*, evidenciando neles o crime, a falta de escrúpulos e também a uma incongruência muito peculiar que se apresenta nos argumentos do suicida Aleksiei Kiríloff.

Sobre o primeiro aspecto, cabe observar que também nesse romance de Dostoiévski se faz presente aquela disputa entre gerações que é acima de tudo uma disputa política e cultural, com os partidários da chamada cultura eslavófila, por um lado, e do ocidentalismo, por outro, sendo esse segundo grupo retratado no romance como revolucionários oriundos de grandes centros culturais da época e vinculados às ciências e engenharias.²⁹ Evidencia-se no romance, assim, a ideia que ganhará contornos, sob a pena de Nietzsche, de um “pessimismo da revolta” (AP de 1888, 11[159]). Uma ideia que aparece numa longa série de comentários que o filósofo faz a esse romance em 1888, na qual acentua a correlação entre niilismo e destruição, evocando como parte de seus argumentos algumas expressões extraídas do enredo do livro tais como: “nós chamaremos o incêndio para nos ajudar – e tiros de pistola...” (AP de 1887-1888, 11[341]).

O incêndio (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 501ss), a atrocidade inicial dos niilistas, leva-os a um crime, ao assassinato a tiros de Chátov (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 584), pela suspeita infundada de que ele iria delatá-los, e leva também ao despautério, que consistiu

²⁶ Também no *Zaratustra*, antes da leitura de Dostoiévski por Nietzsche, encontramos a expressão: “nada é verdadeiro, tudo é permitido” (ZA, A sombra).

²⁷ Conferir na edição da Companhia das Letras de *Assim Falou Zaratustra*, à página 336, a nota 152, de Paulo César de Souza.

²⁸ Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.

²⁹ O próprio Turguêniev é apresentado no texto de forma irônica por meio do personagem Sêmion Karmazínov. Cf., por exemplo, <https://www.blogletras.com/2018/11/ivan-turgueniev-espelho-das.html>. E também <https://www.culturaanimi.com.br/post/os-demonios-de-fiodor-dostoiievski>.

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

em convencer Kiríllov, que iria suicidar-se, a confessar a morte de Chátov (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 600), livrando os assassinos [Piotr Stiepánovitch líder dos niilistas e autor do disparo, além de Lipútín, Tolkatchenko e Erkel] das penas que decorreriam do crime cometido por eles.

A associação entre niilismo e transgressão, própria da perspectiva da sociedade ameaçada pelo niilismo, ganha expressão nas palavras de Lembke ao afirmar que “tudo isso é incêndio criminoso! Tudo isso é niilismo!”, acrescentando ainda que “se alguma coisa arde, é o niilismo!” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 503). Para além da frieza dos niilistas que se aproveitaram do suicídio de Kiríllov para se livrarem do crime cometido, o que mais chama a atenção de Nietzsche são os motivos que levam o jovem engenheiro de 27 anos ao suicídio. O que acompanhará a exposição de Nietzsche acerca do “niilismo incompleto” (AP de 1887, 10[42]). Um niilismo que ainda se apoiaria nos valores que procura desestabilizar, como é o caso da necessidade de se provar uma descrença. A crença na descrença que leva ao martírio do mesmo modo como se tem o martírio pela verdade. De fato, esse aspecto ocupa grande parte dos apontamentos que Nietzsche faz sobre o livro *Os demônios* em 1888, sob o título “a lógica do ateísmo” (AP de 1887-1888, 11[334]).

A motivação de Kiríllov, seu pensamento, que teria consumido também Stavróguin, pode ser sumariado na frase: “quando ele crê, ele não crê que crê. Quando ele não crê, ele não crê que não crê”.³⁰ Tal crença na descrença decorreria de um princípio elementar enunciado por Kiríllov: “se Deus existe, tudo depende de sua vontade, e eu não sou nada fora de sua vontade. Se ele *não* existe, então tudo depende de mim, e eu devo provar a minha independência”, o que ele faria por meio do suicídio, “a forma mais completa de provar a sua independência” (AP de 1887-1888, 11[334]). Uma temática que é apresentada, sob a pena de Dostoiévski, no diálogo de Kiríllov com Piotr Stiepánovitch:

- (...) Se Deus não existe, então eu sou Deus [Kiríllov]
- Pois bem, eu [Piotr Stiepánovitch] nunca consegui compreender esse ponto do seu pensamento: por que você é Deus?
- Se Deus existe, então toda a vontade é dele, e fora da vontade Dele nada posso. Se não existe, então toda a vontade é minha e sou obrigado a proclamar o arbítrio.
- Arbítrio? E por que obrigado?
- Por que toda a vontade passou a ser minha (...) Quero proclamar o arbítrio. Ainda que sozinho, mas o farei.

³⁰ Nietzsche cita diretamente do texto de Dostoiévski a passagem que na edição brasileira encontra-se à página 597. Stávroguin é citado por Kiríllov pouco antes de seu suicídio.

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

- E faça.
- Sou obrigado a me matar, porque o ponto mais importante do meu arbítrio é: eu me matar.
- Acontece, porém, que o senhor não é o único a se matar; há muitos suicídios.
- Movidos por uma causa. Mas sem nenhuma causa e tão-somente para afirmar o arbítrio. Só eu.
- (...)
- Sou obrigado a proclamar a descrença – Kirílov andava pela sala. – Para mim não existe ideia superior à de que Deus não existe. Tenho atrás de mim a história da humanidade. O homem não tem feito outra coisa senão inventar um deus para viver, sem se matar; nisso tem consistido toda a história do mundo até hoje. Sou o único na história do mundo que pela primeira vez não quis inventar Deus. (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 597-598)

De fato, como assinala Nietzsche em seu comentário, o homem precisava inventar Deus para não se matar³¹ e nisso se resumiria a história da humanidade. Diferentemente, Kirílov seria o primeiro, conforme ele mesmo, a rejeitar essa ficção e, por decorrência, ele precisaria “demonstrar a sua liberdade”. Esse seria o “atributo” da divindade de Kirílov, sua independência, sua “nova e terrível liberdade” (AP de 1887-1888, 11[336]) e ele precisava proclamá-la.

Essa necessidade, no entanto, é o que permitiria associar Kirílov às figuras que, nos termos de Nietzsche, a despeito da pretensão de serem espíritos livres, “creem ainda na verdade” (GM III 24). Uma ideia que aparece também no quinto livro de sua *Gaia Ciência*, escrito no ano de 1887, concomitante às leituras de Dostoiévski.³² Ali, referindo-se ao “niilismo segundo o modelo de São Petersburgo”, Nietzsche reitera a ideia da “crença na descrença, até chegar ao martírio por ela”. O que, para ele, não deixaria de ser uma profissão de fé, uma “necessidade de fé, de apoio, amparo, espinha dorsal...”, de segurança, própria do “instinto de fraqueza” que não cria religiões, mas as conserva. Sintomas de “abatimento pessimista, algo de cansaço, fatalismo”, que ainda não mostraria aquela liberdade própria do “espírito livre por excelência” (GC 347). De fato, essa liberdade, a liberdade dos “espíritos livres *par excellence*” pertenceria, antes, àquela “ordem de assassinos”, aos ativistas e criminosos que seriam, verdadeiramente, *livre pensadores* e *livre ativistas*, posto que eles, com seus atos, promovem a derrocada da moral e os costumes.

139

³¹ O mesmo argumento que se encontra na boca de Ivan Karamázov: “*s’il n’existait pas Dieu il fouerait l’Inventer*” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 323).

³² Conferir, sobre essa datação relativa à “nova edição” de *A gaia Ciência*, no comentário de Colli e Montinari no volume XIV da KSA, à página 231.

Ainda sobre o niilismo de São Petersburgo

São Petersburgo, como uma expressão para o niilismo russo, tem um caráter ambíguo para Nietzsche. A cidade se apresenta como a possibilidade do “suicídio lento” (AP de 1888 14[9]), do deitar-se na neve como forma de resistência (EH I 6), numa espécie resignação, mas também, e em especial, como a possibilidade do “niilismo da ação” ou do “grande niilismo” (AP de 1888 14[9]), que justamente impede o suicídio – o niilismo suicida (GM III 28). E isso tanto por seus pensadores (AC 7 e GM III 26), Turguêniev, Dostoiévski e também Tolstói (GM III 26), quanto por seu clima: “Eu chego a admirar alguém que não perca a fé em si mesmo sob um céu encoberto, isso para não falar na fé na ‘humanidade’, no ‘casamento’, na ‘propriedade’, no ‘estado’... Em Petersburg eu seria niilista (...)” (Carta a Georg Brandes de 27 de março de 1888).

Em tal clima, ou diante do explorador polar, “há apenas neve, a vida emudeceu; as últimas gralhas que se fazem ouvir dizem ‘Para quê?’, ‘Em vão!’, ‘Nada!’”³³ (GM III 26). Ali “nada mais cresce ou medra, no máximo a metapolítica petersburguense e a ‘compaixão’ tolstoiana” (GM III 26).³⁴ O niilismo que se divisa nesse clima se aproxima, ao certo, do “abatimento pessimista, algo de cansaço, fatalismo, decepção, temor de nova decepção” (GC 347). Um temor que pode exigir artigos de fé, mas também pode suscitar práticas de sobrevivência na neve, no clima árido do “em vão”, como é o caso daquele

³³ O desânimo, cansaço ou fadiga diante da vida (AP1881 2[24]) é traduzido por Turguêniev no livro *Diário de um homem supérfluo*, com o qual não se tem notícias de um contato de Nietzsche, e por Dostoiévski, no livro *Memórias do Subsolo*, que é conhecido de Nietzsche (PASCHOAL, 2010, p. 208). No primeiro caso, a falta de sentido é expressa pelo personagem Tchulkatúrin, que escreve um diário poucos dias antes de sua morte com a convicção de que sua vida sequer mereceria ser contada, e que o melhor termo para defini-lo seria a palavra “supérfluo” (TURGUÊNIEV, 2018, p. 17). Nem bom, nem mau, nem inteligente nem estúpido, supérfluo, ou seja um homem que não faz falta. Uma vida frente a qual a morte é celebrada. “Minha pequena comédia se encerra. Desce a cortina”, pois, somente morrendo, deixaria de ser supérfluo. O próprio manuscrito no qual aparece o relato seria dispensável, visto que, antes de sua publicação, seu conteúdo teria sido rejeitado por um terceiro que assina um parecer ao final do texto. (TURGUÊNIEV, 2018, p. 72). Por sua vez, o eu-narrador, que conduz a narrativa do livro de Dostoiévski *Memórias do subsolo* é um personagem que não vê valores em sua existência e se define como “um homem desagradável” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 15) que não conseguiu “chegar a nada, nem mesmo tornar-se mau: nem bom nem canalha nem honrado nem herói nem inseto” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 17). Um homem que se associa a um “camundongo de consciência hipertrofiada” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 22), tendo em vista o grande volume de rancor que guarda em seu subsolo e que não consegue ter uma atitude digna nem mesmo diante de uma jovem que estaria morrendo de tísica. Uma narrativa que a rigor não termina, mas que é interrompida por um interlocutor que aparece ao final do texto para encerrá-lo: “Aliás, ainda não terminaram aqui as ‘memórias’, deste paradoxalista. Ele não se conteve e as continuou. Mas parece-nos que se pode fazer um ponto final aqui mesmo” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 147).

³⁴ A compaixão ou cristianismo heterodoxo de Tolstói, em especial no final da vida. CF. Paulo César de Souza, Nota 38 em GM III, p. 161.

O NILISMO SEGUNDO O MODELO DE SÃO PETERSBURGO

Antonio Edmilson Paschoal

nilismo da ação, que permitiria tomar o próprio “pessimismo” como parte de uma lógica que deve conduzir ao “derradeiro *niilismo*” (AP de 1887 10[192]).

Referências bibliográficas

- ARALDI, C. **Niilismo, criação, aniquilamento. Nietzsche e a filosofia dos extremos.** São Paulo / Ijuí: Discurso Editorial / Editora UNIJUÍ, 2004.
- BOURGET, P. **Essais de Psychologie contemporaine.** Paris: Gallimard, 1993.
- CAMPIONI, G. et all. *Nietzsches persönliche Bibliothek.* Berlin - New York: Walter de Gruyter, 2002.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Os irmãos Karamázov.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. **Os demônios.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.
- _____. **Memórias do subsolo.** Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2017.
- GALOUNIS, M. **On the sources of nihilism in Dostoevsky’s “Crime and Punishment”.** In: *Revista de Literatura e Cultura Russa (RUS)*, Vol. 11, n. 16, setembro de 2020, p. 236-257.
- HEIDEGGER, M. **A sentença nietzschiana “Deus está morto”.** Trad. Marco Antonio Casanova. In: *Rev. Natureza Humana* 5(2), jul.-dez. 2003, p. 471-526.
- JACOBI, F. H. **Werke. Gesamtausgabe.** Hg. v. Klaus Hammacher und Walter Jaeschke. Hamburg, Stuttgart: Meiner, Frommann-Holzboog, 1998.
- KUHN, E. **Friedrich Nietzsches Philosophie des europäischen Nihilismus.** Berlin – New York: de Gruyter, 1992.
- MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche. Sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia.** Tradução de Clademir Araldi. São Paulo: Ed. da UNIFESP, 2009.
- NIETZSCHE, F. W. **Kritische Studienausgabe. 15 Bände.** Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: de Gruyter, 1988.
- _____. **Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe. 8 Bände** Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: de Gruyter, 2003.
- _____. **Genealogia da moral.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- _____. **O Anticristo.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- OTTMANN, H. (Org.). **Nietzsches-Handbuch. Leben – Werk – Wirkung.** Sonderausgabe. Stuttgart – Weimar: J. B. Metzler, 2011.
- PASCHOAL, A. E. **Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”.** In: *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 1, n. 1, jan./jun. 2010, p. 199-223.
- PASCHOAL, A. E. **O niilismo – pensado, rabiscado e não publicado.** In: *Revista de Filosofia Aurora*, n. 62, 2022, p. 22-43.
- SABINO, P. C. J. **Entre Nietzsche e Dostoiévski: Modernidade e Niilismo.** Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2022.
- STELLINO, P. **Nietzsche and Dostoiévsky. On the Verge of Nihilism.** Bern – Berlin – Bruxelles – Frankfurt am Main – New York – Oxford – Wien: Peterr Lang, 2015.
- TURGUENIEV, I. **Pais e filhos.** Tradução de Ivan Emilianovich. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- _____. **Suelo Virgen.** Edição de Manuel de Seabra. Madrid: Catedra Letras Universales, 1992.
- _____. **Diário de um homem supérfluo.** Tradução de Samuel Junqueira, São Paulo: Ed. 34, 2018.

141